

Protestantes de Esquerda no Brasil (1960-1980)

Left-Wing Protestants in Brazil (1960-1980)

Wanderley Pereira da Rosa¹

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar os movimentos e ações de representantes do protestantismo de esquerda, no período pós-64. Muitas articulações de caráter ecumênico e progressista estavam em curso no protestantismo brasileiro desde o Congresso do Panamá, em 1916. Após a Segunda Grande Guerra, refletindo a polarização política que dominou o cenário mundial, esses movimentos sociais, políticos e eclesiais que ocorriam na América Latina não passaram despercebidos e sofreram especial intervenção das forças militares no Brasil. Não obstante a dura repressão sofrida, esses protestantes de esquerda conseguiram sobreviver através de ações pessoais e, especialmente, através de organismos e denominações identificadas com o movimento ecumênico mundial.

PALAVRAS-CHAVE

Protestantismo brasileiro. Movimento ecumênico. Protestantismo de Esquerda. Teologia Política.

ABSTRACT

This article intends to present the movements and actions of representatives of left-wing Protestantism in the post-64 period. Many projects of ecumenical and progressive character were underway in Brazilian Protestantism following the Congress of Panama in 1916. After World War II, reflecting the political polarization that dominated the world stage, these social, political and ecclesiastical movements that occurred

¹ Doutor em teologia (PUC-RJ), professor de História do Cristianismo e Diretor-Geral da Faculdade Unida de Vitória.

in Latin America did not go unnoticed and suffered special intervention from military forces in Brazil. Despite the harsh repression suffered, these left-wing Protestants were able to survive through personal actions and especially through bodies and denominations identified with the World Ecumenical movement.

KEYWORDS

Brazilian Protestantism. Ecumenical Movement. Left-wing Protestantism. Political Theology.

Introdução

O presente artigo pretende apresentar os movimentos e ações de representantes do protestantismo, que aqui chamamos de esquerda, no período pós-64². Muitas articulações de caráter ecumênico e progressista estavam em curso no protestantismo brasileiro desde o Congresso do Panamá, em 1916. A abertura ecumênica e o esforço visando à maior cooperação entre os evangélicos, com ações articuladas, foram tomando forma, fruto da militância de líderes eclesiásticos como Erasmo Braga³.

² Por protestantes de esquerda nos referimos àqueles protestantes que se identificavam intelectualmente com uma leitura sociológica de chave marxista e se alinhavam em suas ações com os setores que, em toda a América Latina, se empenhavam na mudança das estruturas sociais patriarcalistas, elitistas e estratificadas que moldavam, de modo geral, as nações latino-americanas. Deve-se, porém, destacar que não havia uma uniformidade intelectual entre esses atores, vez que o recurso à mediação sócio-analítica marxista possuía diferentes intensidades e interpretações, e, por conseguinte, havia diferentes níveis de engajamento. Vale também citar que as teologias políticas gestadas na Europa no entreguerras eram importante referencial teórico para esses líderes protestantes brasileiros.

³ Erasmo Braga foi um pastor presbiteriano que se destacou nas primeiras décadas do século XX como um dos mais entusiasmados defensores de uma cooperação ecumênica entre protestantes brasileiros do período. Representou os evangélicos brasileiros em importantes eventos ecumênicos como o Congresso do Panamá (1916), Congresso de Montevideu (1925), Conferência em Jerusalém (1928), entre outros. Além disso, foi profícuo intelectual que atuou em diferentes organizações, tais como: a Comissão Brasileira de Cooperação, que serviu como uma espécie de embrião para a futura fundação da Confederação Evangélica do Brasil (1932); a Sociedade Científica de São Paulo, que ajudou a fundar em 1903; a Comissão Geográfica e Geológica

Aos poucos, crescia a tomada de consciência do papel social e político que as igrejas poderiam e deveriam assumir. Isso tudo refletia os acontecimentos nos níveis mundial, continental e nacional em curso ao longo do século XX. Nesse sentido, a década de 1950 e o início da década de 1960 foram exemplares no que diz respeito à articulação de uma ética social cristã que respondesse à altura aos tremendos desafios apresentados pelas rápidas transformações sociais pelas quais passava a nação⁴. Ora, também refletindo a polarização política que se seguiu a Segunda Grande Guerra, esses movimentos sociais, políticos e eclesiais que ocorriam na América Latina não passaram despercebidos e sofreram especial intervenção das forças militares no Brasil.

Esses protestantes progressistas brasileiros sentiram na própria pele as consequências por terem se articulado em diálogo com a hermenêutica social marxista ou, no mínimo, com pensadores tais como Gilberto Freyre, Celso Furtado, Leandro Konder e Paul Singer⁵. As repressões sofridas vieram tanto da política de segurança nacional implantada após o golpe civil-militar de 1964, quanto das diretorias nacionais das diversas denominações evangélicas implantadas no Brasil. Certamente, o nível de perseguição e repressão variou de denominação para denominação, com especial destaque para o que ocorreu no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil e da Igreja Metodista do Brasil⁶.

Malgrado a dura repressão sofrida, o movimento ecumênico brasileiro conseguiu sobreviver. Essa sobrevivência foi articulada principalmente pela formação de organismos focados na articulação teórica e prática de políticas libertadoras voltadas aos interesses das majorias

de São Paulo, além de ter sido articulistas em diversos jornais, dos quais podemos citar *O Dia*, *A Notícia*, *O País*, o *Eco Fonográfico* e o paulistano *Correio Paulistano*.

⁴ O Brasil, nesta época, experimentou a transição entre um país rural e pouco desenvolvido, para uma nação em rápido crescimento urbano e industrial, marcada por uma política desenvolvimentista, sem o mesmo nível de atenção para o desenvolvimento social.

⁵ SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo* – Estados Unidos, América Latina, Brasil. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003. p. 177-184.

⁶ A esse respeito remetemos ao texto ROSA, Wanderley Pereira da. No fio da navalha: evangélicos e ditadura militar. In: SANTOS, Francisco de Assis Souza; GONÇALVES, José Mário; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Ciências das Religiões Aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão*. Vitória: Editora Unida, 2014. p. 13-38.

empobrecidas. Em nível continental, o movimento Igreja e Sociedade na América Latina – ISAL foi o principal fórum de discussão desses intelectuais cristãos protestantes.

ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina

ISAL nasceu por ocasião da II Conferência Evangélica Latino-Americana em julho de 1961, em Huampani, nos arredores de Lima, Peru. Luis Odell, secretário da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade, conta que, sob o patrocínio do Conselho Mundial de Igrejas, as Comissões de Igreja e Sociedade do Brasil, Argentina e Uruguai acharam por bem aproveitar a II Conferência para a formação de um grupo de representantes das igrejas latino-americanas com o objetivo de refletir em conjunto sobre a situação social, política e econômica da América Latina e o papel dos cristãos frente a tal contexto. Assim, nasceu o ISAL, tendo como entidades fundadoras a Confederação Evangélica do Brasil, a Federação Argentina de Igrejas Evangélicas, a Federação de Igrejas Evangélicas do Uruguai, o Concílio Evangélico do Chile, o Concílio Evangélico do México, o Concílio Evangélico de Cuba e a Igreja Presbiteriana da Venezuela⁷. Embora uma iniciativa de protestantes, dado seu caráter ecumênico e a coincidência com o Concílio Vaticano II, ISAL atraiu em pouco tempo teólogos e intelectuais católicos.

Nesse fórum, esses cristãos ecumênicos e engajados refletiam sobre o melhor caminho político-teológico para o enfrentamento das estruturas sócio-político-econômicas que açoitavam o Continente. Para que os debates do grupo se tornassem conhecidos e auxiliassem as comunidades cristãs, o movimento editou a revista *Cristianismo y Sociedad* como órgão oficial. Também foi criada a editora *Tierra Nueva*. Cursos

⁷ Cf. BITTENCOURT FILHO, José. *Caminhos do Protestantismo Militante: ISAL e Conferência do Nordeste*. Vitória: Editora Unida, 2014. p. 45. A formalização do movimento, como resultado dessa Consulta de Huampani, deu-se cerca de seis meses depois, em fevereiro de 1962, em São Paulo. A primeira Junta Diretiva eleita nessa reunião para um mandato de dois anos foi presidida pelo pastor metodista brasileiro Almir dos Santos. Cf. PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de Unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 127.

de capacitação foram desenvolvidos em várias partes da América Latina. Essas várias atividades tornaram as ideias do ISAL conhecidas “entre os grupos de jovens, de intelectuais e entre os líderes evangélicos do continente, que logo transcendeu os setores progressistas do catolicismo, que começava a se abrir ao diálogo ecumênico (...)”⁸.

O surgimento do ISAL era um reflexo das várias iniciativas ecumênicas surgidas na América Latina desde o Congresso do Panamá (1916), passando pelo Congresso de Havana (1929), mas, mais imediatamente, da II Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas promovida em 1954 em Evanston, quando o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) inaugurou o debate do papel das igrejas cristãs frente às rápidas transformações sociais do mundo no pós-guerra. Naturalmente, uma grande inspiração para os intelectuais cristãos reunidos em ISAL era o triunfo da revolução cubana ocorrido em 1959, que serviu como agente catalisador dos anseios de libertação dos povos latino-americanos. A relação entre fé e ideologia era um tema ainda pouco explorado e foi se descortinando aos poucos pelas reflexões produzidas no seio desse movimento. Claro que essas conclusões causaram desconforto nas denominações que foram, paulatinamente, retirando seu apoio às iniciativas do ISAL⁹. A sobrevivência do movimento deveu-se ao apoio incontestado do CMI, possibilitando o surgimento de uma reflexão teológica genuinamente latino-americana. Teólogos isalinos, mormente Richard Shaull e Rubem Alves, propõem uma nova eclesiologia que supere a “Igreja Cristandade” e se apresente como “Igreja Comunhão” aberta a todos e presente solidariamente no “mundo”¹⁰.

Daí que, ao longo dos anos, “os protagonistas de uma ‘eclesiologia militante’, seriam cristãos evangélicos e católicos que comporiam um grupamento o qual poderia ser qualificado, sem receio, de “cristãos

⁸ PLOU, 2002, p. 128.

⁹ As denominações a que nos referimos são especialmente aquelas que abrigavam boa parte dessas lideranças, notadamente, Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Metodista do Brasil. Cf. TEIXEIRA, Faustino e DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008. p. 45.

¹⁰ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. p. 165-166.

revolucionários”¹¹. Por seu pioneirismo, ISAL, “a partir dos marcos teológicos protestantes, colocou os alicerces teóricos para a formulação da teologia latino-americana”. Além disso, continua Bittencourt Filho, “o pensamento isalino foi o primeiro a preocupar-se com a desideologização da fé cristã”. E ele conclui: “(...) implementou um tipo de labor teórico o qual suspeitava fundamentalmente dos discursos religiosos e/ou teológicos que realizavam uma interpretação negativa do mundo e da história. ISAL os denunciava como instrumentos de dominação”¹².

As propostas missiológico-pastorais de ISAL seguem por três linhas, a saber: ecumenismo, eclesiologia e interdisciplinaridade. Para os teólogos isalinos, a unidade não deve ser vista como mero instrumento de aproximação das igrejas, mas é “um valor teológico”. Em sua eclesiologia, retoma valores caros à Reforma, como a ideia de uma “Igreja na Diáspora”, como afirmou Richard Shaull¹³, ou seja, uma igreja que não se confunde com instituição hierárquica, mas que se situa como agência da Palavra, dos sacramentos e da missão de Deus no mundo. Seu caráter interdisciplinar se expressa em sua militância, exercida eminentemente por leigos, propiciando um rico diálogo entre a teologia, a filosofia e, sobretudo, as ciências sociais¹⁴.

Os militantes de ISAL também sofreram dura perseguição dos regimes de segurança nacional, principalmente no Brasil e nos países do cone sul, como mostrou Bittencourt Filho¹⁵.

A desarticulação decorrente dessa perseguição, com o exílio de muitos intelectuais, levou à dissolução do movimento em sua última Assembleia em São José, na Costa Rica, em 1975. Os remanescentes criaram, nessa mesma reunião, uma nova organização do movimento ecumênico na América Latina, sob o nome de Ação Ecumênica Latino-Americana¹⁶.

¹¹ BITTENCOURT FILHO, 2014, p. 106.

¹² BITTENCOURT FILHO, 2014, p. 113.

¹³ SHAULL, Richard. A Forma da Igreja na Nova Diáspora. In: ALVES, Rubem (org.). *De Dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana; CEDI; CLAI; Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985. p. 135-154.

¹⁴ Cf. LONGUINI NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 145.

¹⁵ BITTENCOURT FILHO, 2014, p. 78.

¹⁶ Cf. PLOU, 2002, p. 133.

CEI – Centro Ecumênico de Informação

No Brasil, após os expurgos ocorridos em 1964 no seio da Confederação Evangélica do Brasil (CEB)¹⁷, um grupo de protestantes engajados fundou em 1965, no Rio de Janeiro, o Centro Ecumênico de Informação (CEI)¹⁸. Dentre seus fundadores, estavam Waldo Cesar, Jeter Pereira Ramalho, Carlos Cunha e Domício Pereira Mattos, todos egressos da Confederação Evangélica do Brasil. O CEI funcionava nos moldes de um organismo de contrainteligência. Com esse objetivo em mente, seus membros lançaram o *Boletim CEI*, já em março de 1965, sem, contudo, divulgar os nomes dos responsáveis pelos artigos, refletindo o clima repressivo de então. Os textos traziam informações sobre as atividades ecumênicas no Brasil e em outros países, questões sobre a conjuntura sociopolítica e aquelas que envolviam lideranças eclesiásticas¹⁹. Além de atuar na contrainformação, o CEI, com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas, serviu também de guarda-chuva para vítimas da perseguição do regime militar, ajudando muitos a saírem clandestinamente do país²⁰.

Com tiragem inicial de 500 exemplares, o *Boletim CEI* alcançou a marca de 3 mil exemplares já em 1966 e, aos poucos, foi-se tornando o principal veículo de notícias, notadamente as de cunho ecumênico. Isso

¹⁷ Foram membros fundadores da CEB (1934) as seguintes denominações: Igreja Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Congregacional do Brasil, Metodista do Brasil, Cristã do Brasil e Episcopal Brasileira, além de nove organizações missionárias e duas sociedades bíblicas. Até aquele momento, provavelmente, a mais ambiciosa iniciativa evangélica de caráter ecumênico visando à articulação de uma ética social cristã posta a serviço da nação. Cf. SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. Confederação Evangélica do Brasil. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p.162-167.

¹⁸ O primeiro nome adotado foi Centro Evangélico de Informação. O “Ecumênico” entrou no ano seguinte à sua fundação, demonstrando o caráter daqueles que ali se reuniam e que se identificavam com a busca por justiça social e libertação.

¹⁹ Cf. CUNHA, Magali do Nascimento. Contra todo silenciamento e esquecimento: memória de uma experiência de contra-informação religiosa. In: *Site ECA*, Congresso 1999. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimento.doc>>. Acesso em: 19/12/2014.

²⁰ Cf. MATTOS, Paulo Ayres. Por Que 30 Anos de Tempo e Presença? In: *Site Tempo e Presença*, Religião e Saude, n.16, junho 2009. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=312&cod_boletim=17&tipo=Artigo>. Acesso em: 19/12/2014.

chamou a atenção da imprensa secular. Em 1967, o *Jornal do Brasil* publicou um caderno especial de domingo sobre Ecumenismo com a orientação de membros do CEI. O *Última Hora* estabeleceu convênio com o CEI para a produção de uma seção intitulada *Mundo Ecumênico*. O *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* também criaram seções sobre ecumenismo com matérias fornecidas pelo CEI²¹. Foi nesse período que os integrantes do CEI fundaram a *Editora Tempo e Presença*, encerrando a fase de relativa clandestinidade e assumindo postura pública na sociedade. Com a *Tempo e Presença* e com a série *CEI Suplemento*, que acompanharam o *Boletim* a partir de 1966, o CEI avançou de conteúdos informativos para conteúdos formativos, o que conferiu maior consistência ao trabalho desenvolvido²².

As lideranças do CEI não passaram despercebidas pelos órgãos de repressão. Em 1967, a casa de Waldo Cesar foi invadida pelo DOPS e ele ficou preso por uma semana. Zwinglio Mota Dias, outro integrante do CEI, foi preso em 1970, ficando 40 dias na cadeia. Ele mesmo relata o episódio:

Fui preso, para averiguações acerca do paradeiro de meu irmão, em maio de 1970. (...) Naquela ocasião atuava como pastor da IPB, na direção da Igreja Presbiteriana da Penha, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, 1971, meu irmão mais novo, Ivan Mota Dias, líder estudantil, recém-formado historiador pela UFF, foi preso e continua desaparecido até hoje. Minha mãe, ativa participante da Sociedade Auxiliadora Feminina de sua igreja, no sul de Minas Gerais, passou a ser hostilizada por suas companheiras por seu empenho em querer descobrir o paradeiro do filho, ao ponto de não poder mais frequentar

²¹ Cf. CUNHA, Magali do Nascimento. Contra todo silenciamento e esquecimento: memória de uma experiência de contra-informação religiosa. In: *Site ECA*, Congresso 1999. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimento.doc>>. Acesso em: 19/12/2014.

²² Também nesse período, os membros do CEI capitaneados por Waldo Cesar e com o apoio de Ênio Silveira, dono da Editora Civilização Brasileira, criaram a Editora e a Revista Paz e Terra que, por longos anos, publicou obras de cunho ecumênico e de diálogo entre cristãos e marxistas. A Revista Paz e Terra foi publicada por três anos com nove números. Contou com a participação de católicos de renome como Alceu Amoroso Lima, D. Helder Câmara, Henrique de Lima Vaz e Luiz Eduardo Wanderley. Encerrou suas atividades porque a editora não resistiu financeiramente, em função dos vários números recolhidos pela repressão.

os cultos da comunidade. Foi acusada de não ter educado como devia o seu filho “subversivo”. Resultado, ela deixou para sempre a igreja que tanto amava, cheia de amargura e frustração²³.

O relato de Zwinglio Dias retrata o clima que se abateu sobre as comunidades religiosas protestantes daquele período e o poder de coerção da ideologia nelas inseminada pelas forças conservadoras que tomaram as rédeas das denominações.

E assim, o CEI funcionou até 1974, quando se transformou no *Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)*, ampliando sua área de atuação. Essa expansão pôde ser verificada também no *Boletim*, agora acrescido de encartes e cadernos especiais, o que o tornou uma revista de reflexão mais abrangente. Em 1979, o *Boletim* encerrou suas atividades, dando lugar à *Revista Tempo e Presença*, publicada ainda hoje pela instituição conhecida como *Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço*.

Jeter Pereira Ramalho, em entrevista concedida a Magali do Nascimento Cunha, em 1997, retrata a importância do CEI:

Creio que uma característica particular do CEI, é o compromisso ecumênico que não existia nos outros grupos. O carisma do CEI estava em apostar que não poderia fazer essas modificações numa perspectiva confessional. Isso era difícil para os companheiros católicos também. Como o Catolicismo sempre teve a pretensão de ser uma igreja mais ampla e responsável pela proposta do Cristianismo, esse grupo minoritário possibilitou, desafiou e desafia até hoje, que esse avanço na perspectiva teológica da igreja, não pode olvidar essa perspectiva ecumênica. O CEI é o carisma ecumênico que a Confederação Evangélica não soube desenvolver e que as denominações confessionais restantes não tiveram coragem de assumir publicamente com medo das reações conservadoras. Aí, sem modéstia, não vejo outro grupo no Brasil que tenha tido essa possibilidade nesse período de fazer a afirmação ecumênica²⁴.

²³ ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (Org.). “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”: a Conferência do Nordeste 50 anos depois. Rio de Janeiro: Mauad X e Instituto Mysterium, 2012. p. 57-58.

²⁴ Cf. CUNHA, Magali do Nascimento. Contra todo silenciamento e esquecimento: memória de uma experiência de contra-informação religiosa. In: *Site ECA*, Congresso 1999. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimento.doc>>. Acesso em: 19/12/2014.

Em suas várias atuações – além das publicações, o CEI promoveu seminários, encontros e capelania para os presos políticos – a proposta ecumênica do CEI avançou para além dos muros eclesiásticos e abarcou toda a sociedade, notadamente aqueles setores identificados com o enfrentamento da ditadura em prol dos direitos humanos e da justiça social. A questão é que a teologia ecumênica, dado seu compromisso com as questões públicas e seu foco na resposta cristã às transformações sociais e nos desafios humanitários que essas mudanças representam, passou a refletir as questões que afetam a humanidade na totalidade e não apenas assuntos de interesse, por assim dizer, eclesiocêntricos. Em face disso, Agemir de Carvalho Dias afirma que “a teologia feita pelo movimento ecumênico deixou de ser um discurso para a igreja ou da igreja para ser um discurso do movimento ecumênico para os movimentos populares”²⁵. Portanto, a teologia ecumênica enfatizará o Cristo que nasceu e viveu entre os pobres, norteando uma igreja que, em resposta a esta vida, deixa de ser um fim em si mesma para assumir sua vocação de instrumento de proclamação do Reino de justiça e de paz entre os homens e mulheres deste mundo. A tarefa missionária dessa igreja deixa de ser simplesmente anunciar a fé em Jesus Cristo, com a conseqüente adesão a Ele pelo batismo, para ser libertação das maiorias empobrecidas²⁶.

Vários organismos ecumênicos devem, direta ou indiretamente, sua existência ao CEI: a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), o Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) e o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), além do próprio CEDI, herdeiro direto do CEI. O CEDI, como já apontado, expandiu muito o trabalho exercido pelo CEI. Suas articulações ajudaram, por exemplo, na organização do novo sindicalismo brasileiro em curso no início da década de 1980. Um dos resultados dessa ação foi a fundação, em 1986, do Instituto Cajamar para a formação sindical. O Instituto foi presidido por Paulo Freire que, no decênio de 1970, trabalhou no Conselho Mundial de Igrejas, expandindo seu método de educação popular por vários países do chamado Terceiro Mundo. Além do sindicalismo e da educação popular, o CEDI

²⁵ DIAS, Agemir de Carvalho. O Movimento Ecumênico no Brasil Contemporâneo: 1980-2000. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo v. 54, n. 1 jan./jun. 2014. p. 142.

²⁶ Cf. DIAS, 2014, p. 142-144.

ajudou a criar o Grupo de Trabalho Missionário Evangélico (GTME), voltado para a defesa dos direitos dos índios. Com sua extinção em 1994, o CEDI deu lugar ao nascimento de *Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço*. Essa ONG ecumênica mantém-se atuante ainda hoje, com ações na defesa dos direitos das mulheres, dos índios, dos quilombolas, dos trabalhadores rurais, na prevenção da AIDS, na formação de agentes culturais, no apoio à rede ecumênica de juventude e na promoção do diálogo ecumênico, além de manter a publicação da *Revista Tempo e Presença*, herdeira do *Boletim CEI*.

Vale destacar também a fundação, em 1973, em Salvador, Bahia, da *Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE)*²⁷. A escolha de Salvador não foi casual. As graves distorções sociais e econômicas que assolavam o país tiveram também reflexos no ambiente ecumênico. A maior parte dos recursos vindos do CMI e de outras agências internacionais era direcionada para a região Sul e Sudeste do Brasil. Sedar o novo organismo ecumênico numa cidade do Nordeste visava corrigir essa distorção. Dessa forma, a CESE sempre focou sua atuação nas regiões Norte e Nordeste do país. Ressalte-se também, que a CESE foi a primeira organização ecumênica de serviço a contar com a participação plena da Igreja Católica, embalada pelos ventos renovadores do Concílio Vaticano II e de Medellín. Sua fundação se deu num período em que a ditadura se mostrava no auge da violência e da repressão, período em que muitos padres, pastores e militantes de comunidades religiosas estavam sendo torturados, mortos ou enviados para o exílio.

Na linha das instituições ecumênicas de serviço, ainda hoje a CESE tem em sua Missão a seguinte formulação: “Fortalecer organizações da sociedade civil, especialmente as populares, empenhadas nas lutas por transformações políticas, econômicas e sociais que conduzam a estruturas em que prevaleça democracia com justiça”²⁸. Semelhantemente à *Koinonia*, a CESE desenvolve ou apoia centenas de projetos ligados aos

²⁷ Em 2013, em comemoração aos 40 anos de fundação da CESE, foi lançado um livro, provavelmente o mais completo, a narrar a história dessa agência ecumênica de serviço. (Cf. MOURA, Lucyvanda (org.). *Coordenadoria Ecumênica de Serviço CESE: uma trajetória de luta por direitos humanos, desenvolvimento e justiça*. Salvador: CESE; São Leopoldo: Sinodal e CEBI, 2013).

²⁸ MOURA, 2013.

direitos humanos, direitos dos quilombolas, prevenção de doenças, projetos culturais, combate às drogas e proteção da juventude, direitos das mulheres, combate à violência, etc.

Jaime Wright e Lysâneas Maciel

No influxo das ações ecumênicas de resistência à ditadura e da luta pelos direitos civis, destacaram-se dois protestantes engajados, um pastor e um político: o rev. Jaime Wright e o deputado federal Lysâneas Maciel, ambos presbiterianos.

O rev. Jaime Wright aproximou-se de d. Paulo Evaristo Arns em 1975, por ocasião do culto ecumênico em memória do jornalista Vladimir Herzog e em função da prisão e desaparecimento de seu irmão o ex-deputado Paulo Wright. Ora, Paulo Wright havia sido um dos membros do grupo organizado na década de 1950 por Richard Shaull, na experiência de Vila Anastácio²⁹ e, desde então, permaneceu profundamente engajado nas questões sociais e políticas do país. Eleito deputado estadual em Santa Catarina, esse presbítero da IPB de Florianópolis atuou na organização de cooperativas entre os pescadores do litoral catarinense. Teve seu mandato cassado após o golpe de 64 e rumou para o exílio no México e em Cuba, onde radicalizou suas posições esquerdistas, chegando a defender a luta armada para a derrubada do regime. De volta ao Brasil, viveu na clandestinidade até ser preso em São Paulo e, desde então, continua desaparecido.

²⁹ Inspirado na experiência dos padres operários franceses, Shaull desafiou jovens seminaristas do Seminário Presbiteriano de Campinas a viverem anonimamente em favelas, vivenciando o dia a dia da população. O projeto evoluiu e eles alugaram uma casa na Vila Anastácio, bairro carente de São Paulo com grande concentração de operários. No grupo que se mudou para essa casa havia seminaristas, um pastor, uma jovem missionária, um jovem escritor uruguaio e o jovem Paulo Wright, mais tarde morto pela ditadura militar. Segundo Shaull, “os membros do grupo compartilhavam de uma vida em comunidade. Encontraram trabalho em fábricas situadas na área, tornaram-se membros de sindicatos, misturando-se aos operários na entrada e saída das fábricas e tomando parte nas atividades comunitárias.” E Shaull conclui: “Em breve percebi que a experiência revelava uma nova expressão de igreja – como comunidade missionária.” SHAULL, 2003, p. 120-122.

A partir do culto ecumênico em 1975, Jaime Wright foi convidado por d. Paulo Arns para trabalhar com ele na Cúria Metropolitana, onde ele permaneceu pelos próximos 10 anos. Aí eles desenvolveram dois trabalhos de fôlego: o projeto *Brasil Nunca Mais* e a organização de um movimento chamado *Clamor*. O objetivo do *Clamor* era ajudar refugiados políticos dos países do Cone Sul que buscavam abrigo no Brasil. Sua atuação estendeu-se também à ajuda às Avós da Praça de Maio, na procura pelas crianças que eram retiradas das presas políticas e entregues ilegalmente para a adoção³⁰. Contudo, o mais conhecido dos projetos certamente foi o *Brasil Nunca Mais*, que resultou no mais completo relatório sobre as perseguições, torturas e mortes nos porões da ditadura, publicado em livro sob o mesmo nome com vendas estimadas na casa dos 300 mil exemplares³¹.

O *Projeto Brasil Nunca Mais* tornou-se referência na pesquisa sobre a ditadura no país, pois foi todo baseado em documentos oficiais. Aproveitando-se de uma brecha na lei, d. Paulo e o rev. Jaime Wright, com a ajuda de advogados que atuavam na área dos direitos humanos, retiravam processos do Superior Tribunal Militar e, financiados pelo Conselho Mundial de Igrejas, em que Wright tinha importantes contatos, contrataram pessoas que produziam cópias desses processos, que precisavam ser devolvidos em 24 horas. Em seguida, esses documentos eram microfilmados e enviados para o CMI em Genebra. Assim, “esse grupo conseguiu fotocopiar 707 processos que estavam no Superior Tribunal Militar, somando mais de um milhão de páginas fotocopiadas e mais de 300 rolos de microfilmes”. Esse trabalho minucioso e sistemático coordenado pelo rev. Jaime Wright trazia a relação das torturas, dos torturados, dos locais de tortura, dos nomes e codinomes. E Anita Wright conclui: “Tudo com base em documentos oficiais. Então era incontestável”³².

³⁰ Cf. TORRES, Anita Wright. O Missionário que se fez Pastor dos Perseguidos e Torturados. In: DIAS, Zwinglio Mota (Org.). *Memórias Ecumênicas Protestantes: os protestantes e a ditadura – colaboração e resistência*. Rio de Janeiro: Koinonia, 2014. p. 58. O texto é uma entrevista concedida pela filha de Jaime Wright ao organizador da obra.

³¹ Cf. DASILIO, Derval. *Jaime Wright: o pastor dos torturados*. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2012. p. 81.

³² Cf. TORRES, 2017, p. 59. O livro *Brasil Nunca Mais* é um resumo de 5% dessas informações. Vale destacar que, em 2011, o Conselho Mundial de Igrejas repatriou

O deputado Lysâneas Maciel foi um combativo político na luta contra a ditadura militar. Esse presbiteriano ecumênico fazia parte do grupo chamado autêntico no antigo MDB e foi cassado no dia 1.º de abril de 1976. A cassação teve como causa imediata seu discurso proferido no dia 30 de março em reação à cassação de dois deputados gaúchos. Lysâneas não dera ouvidos aos amigos mais próximos, que tentaram demovê-lo da decisão de subir à tribuna da Câmara dos Deputados naquele 30 de março. Seu discurso foi duro contra o regime e contra o próprio Congresso. Ombreando-se com seus colegas denunciava: “O mais doloroso e grave, senhores deputados, não são as cassações. O pior é que com elas estamos nos acostumando. (...) Estamos nos acostumando com o desaparecimento de brasileiros, sua tortura e morte presumidas”³³. E disparou: “Este Congresso aceita tranqüilamente o fato de que, neste momento, pelo menos cinco parlamentares estão presumivelmente sendo torturados e mortos...”³⁴. Após fazer abertas críticas aos militares, esses “grupos que manipulam o poder”³⁵, encerrou seu discurso dizendo: “É preciso reagir, senhores deputados. Sabemos que esses grupos podem cassar, torturar, podem até matar. Mas não podem jamais revogar dois elementos da caminhada política de qualquer povo: o tempo e a história”³⁶. Seu destino estava selado.

A relação do deputado Lysâneas Maciel com a luta pela justiça e pelas liberdades democráticas no país era antiga. Por isso, em 1975, o deputado Jarbas Vasconcelos afirmou: “Não existe Comissão de Direitos Humanos no Congresso. A Comissão é Lysâneas Maciel!” A militância política de Lysâneas Maciel e sua postura combativa nasceram de sua formação cristã e da consciência de que a fé carrega em si uma dimensão político-social. Isso ele demonstrou, por exemplo, em um discurso proferido no dia 12 de abril de 1972, intitulado *O Grito da Igreja*. O discurso

todos os documentos e microfilmes em seu poder, tendo sido recebidos pelo então procurador-geral da República, Roberto Monteiro Gurgel Santos. Os documentos estão disponíveis para consulta pública pela internet no “Brasil: Nunca Mais” Digit@l.

³³ REZENDE, Jonas. *E Lysâneas disse basta!* Esboço biográfico de Lysâneas Maciel. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000. p. 48.

³⁴ REZENDE, 2000, p. 48.

³⁵ REZENDE, 2000, p. 51.

³⁶ REZENDE, 2000, p. 51.

focava a violência de latifundiários no nordeste do Mato Grosso, região da Prelazia de São Félix, denunciados por d. Pedro Casaldáliga, “côncio de sua missão profética”, como afirmara Lysâneas Maciel. Para o deputado, “uma das maiores tragédias da Igreja foi sua alienação e sua omissão com referência aos problemas políticos e sociais”, e os “religiosos que se refugiaram em torres de marfim para gozar o conforto do cristianismo sem aceitar o desafio que sua autêntica adoção representa”. Segundo ele, a omissão é condenável porque contraria os ensinamentos de Cristo e a primeira atitude do cristão é “de apoio e presença no Estado”³⁷.

Mas, ele insiste, existe uma segunda atitude: de tensão ou vigilância. Isso porque “faz parte da missão profética do cristão estar vigilante em relação ao Estado e seus governantes”³⁸. Por isso, “ser cristão é estar vigilante política e socialmente”³⁹.

Uma terceira atitude é necessária: inconformismo absoluto diante dos desmandos do Estado. Para ele, há limites para a obediência e a sujeição dos cristãos. Assim, “o cristão deve ser coerente e conseqüente com sua fé em todas as dimensões da vida, inclusive a político-social”⁴⁰. E conclui: “Côncio de sua missão, que em última análise é a missão do próprio Mestre, ele participará também da sua sorte”⁴¹.

Presença, tensão vigilante e inconformismo: eis as três atitudes que pautaram a carreira política de Lysâneas Maciel. Para o irmão do deputado, o sociólogo Élder Maciel, a postura política de Lysâneas se explicava pelo *testemunho profético* “que tem na Bíblia conteúdo humanista e profunda preocupação com a justiça na sociedade”⁴². Para seu biógrafo, Jonas Rezende, a inspiração de Lysâneas Maciel provinha da teologia inaugurada no Brasil por Richard Shaull: teologia social e política por excelência. Mas também se alimentava de seu contato e amizade com teólogos da libertação: Jovelino Ramos, Rubem Alves, Leonardo Boff e Frei Beto, dentre outros; e com bispos comprometidos com os mais

³⁷ MACIEL, Lysâneas. *O Grito da Igreja*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1972. p. 5.

³⁸ MACIEL, 1972, p. 5.

³⁹ MACIEL, 1972, p. 5.

⁴⁰ MACIEL, 1972, p. 6.

⁴¹ MACIEL, 1972, p. 6.

⁴² REZENDE, 2000, p. 70.

pobres: d. Tomás Balduino, d. Adriano Hipólito, d. Paulo Evaristo Arns e d. Pedro Casaldáliga⁴³.

No fim de seu discurso *O Grito da Igreja*, no dia 12 de abril de 1972, o deputado Lysâneas Maciel evocava mais uma vez o relacionamento do cristão com o Estado para desafiar o Congresso:

Queremos ter a liberdade simples de ir a um canal de televisão e dizer que d. Helder Câmara está realizando uma obra meritória para os interesses das classes menos favorecidas; queremos ter o direito de dizer que não deve haver proibição à livre manifestação do pensamento, queremos sindicatos livres, imprensa livre e povo livre. Queremos manifestar Sr. Presidente, que não é contestação dizer que todos os instrumentos e processos que cerceiam a liberdade do povo e que evitam que o povo participe do progresso econômico e da vida política do País não devem mais ser admitidos; devem ser repelidos por um Congresso soberano que tenha respeito por si mesmo. São essas coisas talvez corriqueiras mas fundamentais que queremos defender, à luz de uma interpretação, inclusive – e não nos pejamos de confessar – bíblico – teológica. Essas as considerações que queria deixar à apreciação dos ilustres Senhores Deputados, a propósito dos acontecimentos na Prelazia de São Félix⁴⁴.

Após a cassação, Lysâneas Maciel rumou para Genebra para trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas. Lá ampliou seu raio de ação e manteve contatos internacionais por meio do seu trabalho na Comissão de Justiça e Serviço e na Comissão de Direitos Humanos e de Refugiados, ambas ligadas à ONU. De volta do exílio, ajudou Leonel Brizola a fundar o PDT. Teve breve passagem pelo PT, quando concorreu ao governo do Rio de Janeiro. Na Assembleia Constituinte, Lysâneas liderou a dissidência da chamada bancada evangélica, alinhada com os interesses do governo Sarney. A bancada defendia interesses institucionais dos evangélicos e fazia apologia dos compromissos morais caros a esse segmento religioso: contra o aborto, a pornografia e o homossexualismo. Lysâneas Maciel citou o Memorial Evangélico de 1932: “Os problemas vitais do

⁴³ REZENDE, 2000, p. 70-74.

⁴⁴ MACIEL, 1972, p. 16-17.

povo brasileiro são os problemas vitais do Evangelho”⁴⁵. Afirmava que os deputados deveriam se ver como representantes do povo brasileiro e não como representantes dos evangélicos. Paul Freston ainda lembra que ele questionou a legitimidade de a bancada falar em nome dos evangélicos. Mostrou suas divisões internas e denunciou seu fisiologismo. Por isso, conclui Freston, foi classificado pelo *Mensageiro da Paz*, jornal da Assembleia de Deus, como “pseudo-evangélico”⁴⁶. Esse presbítero, que compreendeu com profundidade a dimensão pública, social e política da fé cristã, continuou na militância política e pelos direitos humanos até a morte, em 1999.

CLAI – Conselho Latino-Americano de Igrejas

Os anos de 1980 foram muito promissores para o movimento ecumênico nacional e continental. As igrejas protestantes do continente conseguiram finalmente reunir-se sob um único organismo ecumênico que as representasse: o CLAI – Conselho Latino-Americano de Igrejas, fundado em 1982, em Huampaní, no Peru. Em sua assembleia de constituição, registraram-se como seus objetivos: (1) Promover a unidade do povo de Deus na América Latina, como expressão e como signo de contribuição da unidade do povo latino-americano; (2) Manifestar a unidade que já temos em Cristo, reconhecendo a riqueza que representam a diversidade de tradições, confissões e expressões de fé, a reflexão, o ensino, a proclamação e o serviço, levando em consideração a realidade e a identidade latino-americanas; (3) Ajudar seus membros a descobrir a própria identidade e compromisso como cristãos na realidade latino-americana, na busca de uma ordem de justiça e fraternidade; (4) Estimular e apoiar seus membros na tarefa evangelizadora, como signo da fidelidade ao mandato de Cristo e da presença nos povos da América Latina; (5) Promover a reflexão e o diálogo teológico e pastoral em torno da missão e testemunhos cristãos, no continente e no mundo.

⁴⁵ FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro Editora, 1994. p. 70.

⁴⁶ FRESTON, 1994, p.70.

Desde então, essa instituição ecumênica tem promovido ações que alcançam os grandes problemas que afligem a América Latina e o Caribe, tais como: dívida externa, indígenas, mulheres, operariado, crianças, justiça, paz, pobreza, violência, drogas, AIDS, juventude etc⁴⁷. No *site* da organização encontramos a informação de que fazem parte do CLAI atualmente mais de 150 igrejas batistas, congregacionais, episcopais, evangélicas unidas, luteranas, menonitas, metodistas, nazarenas, ortodoxas, pentecostais, presbiterianas, reformadas e valdenses. Além disso, são membros associados ou fraternos diversos organismos cristãos ecumênicos especializados em áreas de pastoral juvenil, educação teológica e educação cristã de 20 países da América Latina e do Caribe⁴⁸. É digno de nota que o maior percentual de membros do CLAI é constituído por igrejas pentecostais. Uma vez que hegemonicamente as igrejas pentecostais aderem a uma teologia de natureza fundamentalista, chega a ser surpreendente essa abertura ecumênica por parte de importantes setores do pentecostalismo latino-americano⁴⁹.

CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

No Brasil, também em 1982, foi fundado na cidade de Porto Alegre o CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. Certamente esse é o mais importante organismo ecumênico do país. As igrejas-membros são: a Igreja Católica Apostólica Romana, através da CNBB; Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil; Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia e Igreja Presbiteriana Unida⁵⁰. Como temos visto, o movimento ecumênico deu os primeiros

⁴⁷ TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na Perspectiva do Reino de Deus: uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal e CEBI, 1998. p. 56.

⁴⁸ No Brasil são membros do CLAI atualmente: Aliança de Batistas do Brasil; Igreja Batista de Nazareth (membro fraterno); Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; Igreja Evangélica Árabe; Igreja Evangélica Congregacional do Brasil; Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil; Igreja Metodista; Igreja Presbiteriana Independente do Brasil; e Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Cf. <<http://www.claibrasil.org.br/membros-no-brasil/igrejas>> Acesso em: 07/01/2015.

⁴⁹ TIEL, 1998, p. 56.

⁵⁰ Cf. <<http://www.conic.org.br/cms/igrejas-membro>> Acesso em: 07/01/2015.

passos ainda no século XIX, por iniciativa de protestantes, e só mais tarde englobou igrejas ortodoxas e a Igreja Católica Romana⁵¹. A abertura ecumênica da Igreja Católica foi reflexo direto do Concílio Vaticano II. Gerhard Tiel destaca que a motivação ecumênica da Igreja Católica na América Latina ganhou impulso a partir de três fontes: o ecumenismo de base, com destaque para as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs); a reflexão proporcionada pela teologia da libertação e o consequente diálogo estabelecido entre teólogos católicos (Gustavo Gutiérrez, Leonardo e Clodovil Boff, Juan Luis Segundo e outros) e protestantes (Rubem Alves, Walter Altmann, Milton Scwantes e Julio de Santa Ana, dentre outros); e o diálogo estabelecido desde 1957 em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, entre luteranos e católicos, sobretudo entre os docentes das escolas teológicas de ambas as igrejas situadas nessa cidade. Desse diálogo nasceu uma intensa produção teológica conjunta, além de uma amizade que se refletiria mais tarde na fundação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs⁵².

Assim, o CONIC foi fundado em 1982, por iniciativa da Igreja Católica Romana, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, da Igreja Episcopal Anglicana, da Igreja Metodista e da Igreja Cristã Reformada do Brasil. Em sua Missão está registrado que o CONIC deve “colocar-se a serviço da unidade das igrejas, empenhando-se em acompanhar a realidade brasileira, confrontado-a com o Evangelho e as exigências do Reino de Deus”. Sua Constituição advoga que, “respeitadas as diferentes concepções eclesiológicas, as Igrejas-membros se reconhecem convocadas por Cristo à unidade de sua Igreja, na certeza da atuação do mesmo Cristo e do seu Espírito nelas e através delas”⁵³. A atuação do CONIC tem se dirigido, ao longo dos anos, à reflexão teológica, com posicionamentos sobre a realidade brasileira, engajamento pelos direitos humanos, questões indígenas, questões relacionadas à terra e reforma agrária, apoio às Campanhas da Fraternidade e aos trabalhos das Pastorais, promoção dos direitos da crianças e adolescentes, promoção da Semana de

⁵¹ DIAS, Zwinglio Mota. 50 anos Gestando o Ecumenismo. *Tempo e Presença*. Ecumenismo: 50 anos de uma aventura. Rio de Janeiro: Koinonia, set/out de 1998, Ano 20 – nº 301, p. 5.

⁵² TIEL, 1998, p. 60-63.

⁵³ TIEL, 1998, p. 65.

Oração pela Unidade dos Cristãos, etc. Em 2006, o CONIC recebeu um duro golpe com a saída da Igreja Metodista, denominação que desde então tem sofrido um revés conservador, que vem assumindo aos poucos o controle de suas várias instâncias.

Conclusão

A história desses protestantes de esquerda, ecumênicos, corre paralela à história do despertar político dos povos latinoamericanos ansiosos pela transformação social de suas nações. Nesse sentido, a Revolução Cubana serviu como inspiração para as articulações intelectuais e lutas políticas que se seguiram. O que identificamos no interior das principais denominações evangélicas no Brasil foi um acirramento de posições nas décadas de 60 e 70 que, por sua vez, também refletiam a polarização do mundo no pós-guerra. Antigos companheiros que, a despeito de diferentes posicionamentos teológicos, militavam juntos em suas igrejas e também na Confederação Evangélica do Brasil, assumiram atitudes radicais e colocaram-se a serviço de uma política de “caça às bruxas” que, ao fim e ao cabo, culminaram no expurgo daqueles que se mantiveram fieis ao compromisso de transformação da realidade circundante.

Certamente, a história desses protestantes de esquerda no Brasil nas décadas de 1960 a 1980 é bem mais abrangente e complexa do que o descrito nas páginas acima. Devemos ressaltar que, em que pese os tremendos esforços desses protestantes que se mantêm engajados em seu compromisso ecumênico, o fato é que a dura repressão ocorrida em nível político e eclesiásticos após o golpe civil-militar de 1964 provocou uma desarticulação e uma fragmentação no seio do protestantismo nacional, cujas consequências se fazem sentir ainda hoje. De qualquer forma, o que aqui foi descrito serve para sustentar nosso ponto de vista segundo o qual a articulação do pensamento social e político no protestantismo brasileiro pós-64 tem se dado, especialmente, mas não somente, por movimentos e organismos ecumênicos.

Referências

- BITTENCOURT FILHO, José. *Por Uma Eclesiologia Militante*: ISAL como nascedouro de uma eclesiologia para a América Latina. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1988.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira*: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Contra todo silenciamento e esquecimento: memória de uma experiência de contra-informação religiosa. In: *Site ECA*, Congresso 1999. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/14gt/MagaliNascimento.doc>>. Acesso em: 19/12/2014.
- DASILIO, Derval. *Jaime Wright: o pastor dos torturados*. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2012.
- DIAS, Agemir de Carvalho. O Movimento Ecumênico no Brasil Contemporâneo: 1980-2000. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo v. 54, n. 1, p. 140-152, jan./jun. 2014.
- DIAS, Zwinglio Mota. 50 anos Gestando o Ecumenismo. *Tempo e Presença*. Ecumenismo: 50 anos de uma aventura. Rio de Janeiro: Koinonia, set/out de 1998, Ano 20 – nº 301.
- FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira*: história ambígua e desafio ético. Curitiba: Encontro Editora, 1994.
- LONGUINI NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão*: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MACIEL, Lysâneas. *O Grito da Igreja*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1972.
- MATTOS, Paulo Ayres. Por Que 30 Anos de Tempo e Presença? In: *Site Tempo e Presença*, Religião e Saúde, n.16, junho 2009. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=312&cod_boletim=17&tipo=Artigo>. Acesso em: 19/12/2014.
- MOURA, Lucyvanda (org.). *Coordenadoria Ecumênica de Serviço CESE: uma trajetória de luta por direitos humanos, desenvolvimento e justiça*. Salvador: CESE; São Leopoldo: Sinodal e CEBI, 2013.

- PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de Unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- REZENDE, Jonas. *E Lysâneas disse basta!* esboço biográfico de Lysâneas Maciel. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000.
- ROSA, Wanderley Pereira da; ADRIANO FILHO, José (Org.). “*Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*”: a Conferência do Nordeste 50 anos depois. Rio de Janeiro: Mauad X e Instituto Mysterium, 2012.
- SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. Confederação Evangélica do Brasil. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- SHAULL, Richard. A Forma da Igreja na Nova Diáspora. In: ALVES, Rubem (org.). *De Dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana; CEDI; CLAI; Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985.
- SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo – Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.
- TEIXEIRA, Faustino e DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.
- TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na Perspectiva do Reino de Deus: uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal e CEBI, 1998.
- TORRES, Anita Wright. O Missionário que se fez Pastor dos Perseguidos e Torturados. In: DIAS, Zwinglio Mota (Org.). *Memórias Ecuemênicas Protestantes: os protestantes e a ditadura – colaboração e resistência*. Rio de Janeiro: Koinonia, 2014.

Sites:

- <<http://www.claiBrasil.org.br/membros-no-brasil/igrejas>> Acesso em: 07/01/2015.
- <http://www.claiweb.org/institucional/que_es_clai/queeselclai1.html> Acesso em: 07/01/2015.
- <<http://www.conic.org.br/cms/igrejas-membro>> Acesso em: 07/01/2015.